

Diálogos interdisciplinares nas literaturas de imigração judaica em “O ciclo das águas” e “Cabelos de fogo”

Interdisciplinary dialogues in Jewish immigration literature in "O ciclo das águas" and "Cabelos de Fogo"

Lucideyse de Sousa ABREU*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Francisco Pereira SMITH JUNIOR**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Silvia Helena BENCHIMOL-BARROS***

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Esta pesquisa busca relacionar os diálogos interdisciplinares da Literatura e a temática da imigração dos povos judeus por meio da análise dos romances de Marcos Serruya (2010) e Moacyr Scliar (2010), em uma abordagem comparada das personagens ‘Hana’ e ‘Esther’ e da imigração judaica em ‘Cabelos de fogo’ e ‘O Ciclo das Águas’. Neste sentido, o estudo ampara-se metodologicamente nos pressupostos da Literatura Comparada e desenvolve-se sob as perspectivas histórica e qualitativa. Teoricamente a pesquisa e reflexões apoiam-se em Falbel (2008), sobre o processo histórico da imigração semita no Brasil; Sayad (1998), sobre os estudos de migração e o fenômeno migratório; Nascimento (2006), sobre a discussão envolvendo as obras de ficção; e Smith Junior (2012) o qual problematiza a questão do fenômeno migratório e a subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Judeus. Literatura Comparada.

* Mestranda do programa de Pós-graduação em Línguas e Saberes na Amazônia - Universidade Federal do Pará (UFPA), E-mail: deyse4e@hotmail.com

** Doutor na área em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Universidade Federal do Pará, UFPA, Brasil. Coordenador do Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense (GELCONPE) E-mail: fsmith@ufpa.br

*** Doutora na área de Tradução e Terminologia pelas Universidades de Aveiro (UA) e Nova de Lisboa (UNL) – Portugal, coordenadora do Grupo de pesquisa de Tradução ET-MULTI- UFPA E-mail: silviabenchimol@hotmail.com

ABSTRACT: This research seeks to relate the interdisciplinary dialogues of Literature and the theme 'Jewish immigration' through the analysis of Marcos Serruya (2010) and Moacyr Scliar (2010) novels. It adopts a comparative approach of the characters 'Hana' and 'Esther' and of the Jewish immigration in and 'Cabelos de fogo' and 'O ciclo das águas'. In this sense, the study is methodologically grounded on assumptions of Comparative Literature and evolves under historical and qualitative perspectives. Theoretically, it resorts to the studies of Falbel (2008), about the historical process of Semitic immigration in Brazil; Sayad (1998), on migration studies; Nascimento (2006) regarding fiction works; and Smith Junior (2012) who refers to the issue of the migration phenomenon and subjectivity.

KEYWORDS: Migration; Jews; Comparative Literature.

INTRODUÇÃO

Problematizamos por meio de análises teóricas, os diálogos interdisciplinares que emergem da Literatura em contato com a temática da imigração dos povos judeus refletidos nos romances de Marcos Serruya (2010) e Moacyr Scliar (2010)¹. Pretendemos, portanto, analisar as interações entre as áreas sociais e históricas a partir de fontes que ao tempo em que compreendem a realidade, materializam-se no texto de ficção.

O romance *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar, publicado pela primeira vez em 1996, tem como personagem principal, Esther, que vivencia as peripécias de uma mulher polonesa imigrante no Brasil. No enredo, esta apresenta-se como a protagonista do romance ao traçar uma trajetória, desde os contextos de segregação da família e da comunidade judaica na Polônia até o encerramento do ciclo em Porto Alegre, Brasil, onde o romance se ambienta. Destaca-se ainda as temáticas que perpassam pela origem judaica, emoções e vivências históricas do povo judeu.

Do mesmo modo, na Amazônia brasileira, em *Cabelos de Fogo* (2010), Marcos Serruya, escritor da temática judaica sefaradita, apresenta a personagem Hana, polonesa

¹ A presente pesquisa é um recorte do texto dissertativo intitulado “Uma Abordagem Comparada das personagens “Hana” e “Esther” e da Imigração Judaica em “O Ciclo Das Águas” e “Cabelos De Fogo””. Apresentado ao Programa de Pós Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA).

vítima do tráfico de mulheres, das turbulências da imigração forçada e, principalmente, do apego à vontade de retornar a fé judaica. Vale ressaltar que as personagens das suas obras, especialmente as mulheres judias, são expostas de forma que corroborem a compreensão das questões pertinentes às situações históricas próprias dos processos da migração vivenciados por elas, e das quais não tinham real dimensão no contexto da época.

O escritor paraense Marcos Serruya publicou ainda o romance "O cabalista" onde consolida de forma revigorada, a sua intensa dedicação à escrita literária, para além de suas atividades como médico, romancista e intenso pesquisador da cultura judaica, tendo contribuído fortemente para os estudos sobre Judaísmo na Amazônia.

Assim, como podemos observar nessa síntese, as temáticas presentes nessas duas obras apresentam semelhanças. Os processos de construção das personagens judias e a preocupação com fatos históricos e sociais na literatura, revelam a imprecisão que ainda existe nos estudos históricos e sociais sobre os imigrantes judeus no Brasil, bem como a sobre a Belle Époque amazônica e os estudos sobre o progresso do Novo Mundo.

A metodologia desta pesquisa ampara-se nos estudos da Literatura Comparada, que propicia uma abertura de possibilidades de diálogos interdisciplinares no âmbito dos estudos literários. A proposta interdisciplinar promove uma ruptura das rígidas fronteiras disciplinares, ainda bastante enfatizadas e características da cientificidade e do rigor metodológico, promovendo uma quebra de paradigma a medida em que possibilita o diálogo interrelacional entre áreas diversas, ampliando e enriquecendo o espectro analítico. Partimos, portanto, da afirmação de que a Literatura Comparada, por si, é uma abordagem interdisciplinar que abraça outras áreas das ciências humanas e sociais as quais possibilitam, favorecem e enriquecem a pesquisa referente aos estudos migratórios, com ênfase especial neste estudo, na imigração judaica no Brasil no início do século XX.

1. O fenômeno migratório em diálogo com a ficção judaica

Retrato de família

Onde estão os meus parentes?
Nos girassóis da Rússia,
nos campos gelados da Sibéria
ou nos laranjais floridos dos *kibutzim* de Israel?

Onde estão os meus parentes?
No corre-corre da América capitalista
ou nos safaris da África?
Onde estão?

Vejo algumas fotos aqui e acolá,
com endereços desconhecidos,
perdidos no tempo e no espaço.
Vejo pessoas com meus traços,
figurativos de mesma carne
e mesmo sentimento.

O que fazem e o que pensam?
Sentem, como eu, vontade férrea
de unir o que resta do passado
que o vento da guerra separou?
Sentem, como eu, vontade férrea
de não ser errante e de loucamente conhecer o mundo?
Ou de pisar onde os meus ancestrais pisaram,
em um passo mudo, como se apenas a atmosfera
os fizessem presente novamente?

(Ester Klevanskis Candido, 2020, p. 01)

Neste estudo, exemplificadamente, adentra-se o escopo dos Estudos Migratórios a partir do poema *Retrato de família* de autoria de Ester Klevanskis Candido. Observa-se nas linhas do poema, que o eu-lírico está atrelado a percepção de uma migração difusa que se dá como um processo decorrente de diferentes possibilidades de caminhos. Os parentes correspondem à imagem de transeuntes de um mundo formado por tantos lugares: Rússia, Sibéria, Israel, América, África, que, neste amplo espectro geográfico, encerram a indefinição melancólica. São tantos locais, em que rostos com traços de similaridade ao do eu-poético, podem habitar. Admite-se também que tais mundos sejam espaços ficcionais que a literatura judaica (re)inventa entre exílios, zonas fronteiriças de culturas diversas, cruzamento de mares que levam de um lado ao outro o ser e seu universo.

É possível observarmos no trecho em que autora se refere à “*vontade férrea / de unir o que resta do passado / que o vento da guerra separou*” um misto que envolve a tentativa de resgate histórico das tragédias da guerra – e aqui ressalte-se um fato de “objetividade científica” e suas consequências sociais e psicológica – expressas na necessidade de aproximação e de reparação dos laços de afetividade. Estas ambiências, por sua vez, apresentam-se envoltas pelos aspectos estéticos da linguagem poética.

Assim, e agora retomando o corpus de análise do presente estudo, desenvolve-se a discussão sobre a figura de imigrantes, possibilitando o diálogo com as personagens Hana e Esther, as quais, nesta pesquisa são lidas e compreendidas como tal. Para fundamentar essa discussão, nos amparamos em autores como Falbel (2008); Sayad (1998); Nascimento (2006); e Smith Junior (2012) que juntos respectivamente nas áreas da História da migração e processos migratórios, correlacionam-se com a verossimilhança presentes nos enredos dos romances objeto dessa pesquisa.

Data do período colonial, a presença de judeus em terras brasileiras. Há indícios que nas caravanas em que vieram Colombo, e até mesmo Dom Pedro II, também estavam figuras judaicas importantes por serem navegadores, ou por terem chegado à bordo das naus como cristãos-novos para a colonização da terra brasileira. No que se refere a esse período, Ricupero (apud IGEL, 2000, p. 326) salienta: “nenhum país das Américas teve, como o Brasil, começos tão intensamente marcados pela presença e ação do povo judeu”. Porém, Igel (2000) explica que as marcas históricas deixadas por eles são sutis e que não desenvolveram um acervo de literatura que possa definir, ou mesmo comprovar, a quantidade ou as influências desses imigrantes judeus no novo mundo.

No século XIX, os judeus foram alvo de intensas perseguições na Europa, influenciados principalmente pela igreja católica e o incentivo ao antissemitismo. As ondas de “*Progoms*”² e as más condições de vida refletem a história e estão na base dos motivos que impulsionaram a migração judaica. Falbel (2008, p.167) no livro *Judeus no Brasil: estudos e notas*, em seu capítulo sobre a imigração judaica, registra que no território europeu as terríveis condições sociais que se revelaram em período de privações, como a fome no ano de 1891, foram associadas a profunda crise agrária que atingiu o território da Rússia.

Assim, as ondas de *progoms*, eram “justificadas” e apoiada pelo império de Czar, por serem considerados, os judeus, uma fonte “de todos os males”, Falbel (2008. p. 167) menciona, também, que em 1882 foram publicadas as “Leis Temporárias”, as quais proibiam os judeus de viverem em aldeias e restringiam os limites de suas residências em

² “Progoms” é uma palavra russa que se relaciona a “causar estrago”, “destruir”, e são relacionados aos ataques violentos nas aldeias judaicas, segundo a enciclopédia do holocausto consistia em “estuprar e matar as vítimas, além de vandalizar e roubar as propriedades”. Vê mais em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>>.

idades. Para além disso, foi promulgada uma lei de 1886 que restringia a 10% o número de estudantes judeus nas escolas secundárias e nas universidades.

O contexto social relatado por Falbel (2008) também foi descrito por Serruya (2010) em trecho no qual o personagem Aba, pai de Hana, descreve o contexto político da época em que a Polónia pertencia ao domínio da Rússia. Aborda o ataque antissemita; as expulsões e exclusões de escolas e cidades; assim como as ondas de *progroms* que, segundo o autor, em 1903, impulsionaram a fuga de judeus para a América³, refletindo por meio do texto ficcional, o êxodo judaico na Europa.

Nessa época a Polónia estava sob domínio russo. O pai de Hana havia explicado a ela e a seus irmãos que o Czar, pública e reconhecidamente antissemita, era o rei constitucional da Polónia. E que os seus súditos poloneses foram obrigados a "importar" as práticas discriminatórias soviéticas adotadas contra os judeus. A princípio, isso ocorreu de forma discreta. Depois do assassinato do Czar Alexandre II, em 1881, o antissemitismo foi adotado de forma oficial pelo novo dirigente: o Czar Nicolau II. Ele então ordenou uma onda de "pogroms" na Ucrânia, que durou quatro anos.

O pogrom era um ataque de surpresa, promovido contra as residências judaicas. Os vândalos surgiam de repente, quebravam tudo o que podiam, ateavam fogo aos móveis e a tudo que fosse inflamável; batiam nas pessoas, estupravam e, muitas vezes, matavam. Assim que satisfaziam sua sanha destruidora. [...] (SERRUYA, 2010, p.22)

[...] Sob o domínio do Czar, os judeus, em sua maioria, tornaram-se agricultores nas suas pequenas possessões. Outros tantos se tornaram artesãos, ferreiros, sapateiros, barbeiros, alfaiates, aguadeiros, professores e assim por diante. E de vez em quando se sujeitavam ao vandalismo desenfreado promovido pelos seguidores das ordens do governante. Em 1905, as "centúrias negras", organizadas por populares, varreram os guetos russos livremente, decididas a assassinar todos os judeus, sem nenhuma interferência das tropas do Czar. [...] (id, p.24)

Nesta breve retomada percebem-se, entrelaçados, aspectos de áreas diversas, em diálogo interdisciplinar, corroborando a análise mais ampliada dos fatos e fenômenos, os quais irremediavelmente atrelam-se e condicionam uma percepção holística.

Um fragmento muito significativo apresentado por Falbel (2012) é a fala do chefe de "Santo Sínodo", que representava a igreja ortodoxa russa: "Um terço dos judeus se

³ Serruya (2010, p. 22-23),

converteria, um terço morreria e um terço abandonaria o país”. (FABEL, 2012, p. 168), possibilitando pouca esperança para quem não conseguiria emigrar.

Os ataques antissemitas na Europa impulsionaram a emigração para o continente Americano, principalmente para os países Argentina e Brasil, nações que eram tidas como trajetórias de vários migrantes, inclusive os das personagens Hana: “Só agora se deram conta. Ela iria para muito longe. Buenos Aires, na América do Sul, dissera o noivo. Quem sabe quando a veriam de novo?” (SERRUYA, 2010, p. 31) e Esther: “Descobrimo por que Buenos Aires: aqui há dinheiro, disse-lhe uma russa, há muito homem e pouca mulher.” (SCLIAR, 2010, p. 30)

A maioria dos imigrantes judeus que chegava a América destinava-se, primeiramente, à Buenos Aires na Argentina, devido as leis imigratórias serem mais flexíveis em comparação às do Brasil. Falbel (2012, p.177) aponta que, desde a independência da Argentina em 1816, tornou-se possível essa imigração. O autor descreve que o governo e a congregação sabendo das condições de sobrevivência dos judeus sob domínio de Czar na Europa, buscavam formas de ajudá-los a imigrarem e a servirem como mão-de-obra, destacando-se, principalmente, o trabalho na agricultura, o qual mais tarde possibilitaria a colonização de famílias judaicas. Nesse aspecto evidencia-se a aproximação irremediável da literatura com a história.

Falbel (2008) também destaca que a colonização judaica na Argentina se dá efetivamente por grupos familiares de judeus que faziam parte da “Jewish Colonization Association”, associação que, anos depois, foi responsável pelo início do processo de colonização agrícola judaica no Rio Grande do Sul - Brasil. “É importante dizer que para o imigrante europeu daquela época o Brasil era menos conhecido do que a Argentina e não despertava tanto interesse e atração quanto aquele país” (FALBEL, 2012, p.181). Desse modo, deu-se início a um novo ciclo migratório, destacando-se em 1927, o “Comitê pró imigrante israelita”. Este fato corroborou o aumento da quantidade de comunidades israelitas nas grandes e pequenas cidades do sul do Brasil.

Todavia, o ciclo imigratório não durou tanto, pois um outro momento de importância para as questões migratórias apresentadas por Falbel (2012) se iniciaria a partir da década de 30, no governo Vargas, durante o qual o antissemitismo teve vários simpatizantes. Destaque-se que o próprio Getúlio Vargas intencionava o bloqueio de

imigrantes semitas no País. Para intervir nas questões relativas à imigração, foram tomadas algumas medidas de restrição da entrada de migrantes.

Em 1948, conforme aponta Falbel (2012, p.189), foi publicado no jornal “O Estado de São Paulo” o artigo intitulado “A batalha contra a Imigração”. Um dos artigos, que defendia o movimento contra a imigração semita, teve como título de destaque: “A Circular secreta contra os judeus”, matéria esta, que advertia para o cumprimento de novas instruções durante a consulta de passaportes estrangeiros de origem semita. Dentre tais instruções elencam-se as seguintes exigências aos estrangeiros de origem semita: a) “licença de retorno em plena validade”; aos “b) Turistas e representantes do comércio [...] a estada no Brasil em hipótese alguma pode ser superior a seis meses. [...]”. Além disso, outras informações que compõem a circular secreta de 27 de setembro de 1938 também ganharam destaque.

A professora Maria Luiza Tucci Carneiro pesquisadora das circulares secretas e do antissemitismo no Brasil, apresenta no livro “Cidadão do Mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo – 1933-1948” (2011), a ilusão do Brasil como um país receptor-acolhedor dos refugiados das guerras e do nazifascismo, apresentando as medidas políticas adotadas pelo Brasil com intuito de dificultar ou mesmo de impedir a entrada dos judeus no território.

Também em texto sobre a literatura produzida por judeus e sobre a cultura judaica no Brasil, Igel (2000) relata a imigração de judeus como um processo que foi gradualmente estabilizado ao longo dos primeiros anos do século XX. E ainda aponta elementos das leis antimigratórias, no período do governo Vargas (1930-1945), que geraram, segundo a autora, um “longo período de congelamento migratório”. Após esse período, que assinala o antissemitismo no país, surgiram movimentos de imigrantes procedentes principalmente da Rússia que compuseram as comunidades semitas no Brasil.

São os chamados judeus asquenasitas, com uma representação literária expressiva de sua maioria numérica. Uma minoria, constituída de judeus sefaraditas, descendentes de ibéricos, provém de países do norte da África, como Marrocos, Egito e Argélia; em número mais restrito, estão os imigrantes judeus orientais, como se codificam os israelitas nascidos em países do Oriente Médio, como a Turquia, o Líbano e a Síria (IGEL, 2000, p. 326).

É perceptível que esse novo fluxo migratório de asquenasitas no sul e sefaraditas no norte do Brasil, apresenta diferenças não só em relação a área geográfica ocupada, mas também em relação aos costumes e tradições que determinam algumas distinções de suas práticas religiosas e culturais. Ao relacionarmos, portanto, as personagens Hana e Esther que vivenciam, enquanto imigrantes, realidades distintas cultural e geograficamente nesta polaridade Norte e Sul, ressaltamos o fato de que ambas são de origem judaica asquenasita, vindas da Polônia, e mesmo assim sofreram processos diferentes de assimilação no país receptor em função de suas destinações.

O contexto histórico apresentado por Falbel (2008), onde se inserem o evento da emigração judaica para a América e os deslocamentos migratórios de forma mais ampla, possibilita uma interpretação adensada de características das comunidades e das organizações de famílias judaicas que se estabeleceram em Buenos Aires, e no sul do Brasil, bem como nas cidades agrícolas e no desenvolvimento do comércio. Estes aspectos apontam interfaces da literatura com as questões geográficas e culturais

Ademais, é a partir dos dois romances que emergem questões, aparentemente desconhecidas ou invisibilizadas pelo registro histórico da imigração judaica. São, estes, fatos que desvelam a face criminoso, e também de processos coercitivos decorrentes dos movimentos migratórios como, por exemplo, o tráfico de mulheres brancas. Seguem trechos dos romances:

(Esther)

Entrando nos segredos da Casa dos Prazeres organização dedicada ao tráfico de brancas. Identificando Leiser - ou Luís el Malo - como o chefe para o ramo latino-americano da org. Identificando, retrospectiva mente, Mên dele como agente da Casa; mas - dúvidas - amara-a, ele? Por que não consumara o casamento? E de que teria morrido? De amor? (SCLIAR, 2010, p. 30)

Nos países receptores, temos nossa rede que controla os prostíbulos e o tráfico de brancas. Sabemos quanto se gasta com passagens, subornos e documentos falsos. Poremos toda nossa experiência à sua disposição. Vamos trabalhar juntos? (SEERUYA, 2010, p.39)

Nos dois romances observa-se o registro do termo “tráfico de brancas” retratando as personagens como vítimas dos processos de escravidão de mulheres promovidos por organizações criminosas. Outro ponto a ser ressignificado em relação a História é que, mesmo tendo sido os dois romances escritos por autores homens, os pontos de vista têm

como referência personagens femininas. São mulheres as protagonistas à percepção do contar dos sujeitos que sofreram as consequências da imigração e da escravidão.

Um outro texto que também possibilita essa discussão é de autoria de Largman (2008): *Jovens polacas*, o qual, além de abordar as questões relacionadas as emigrações e tráficos de mulheres, as chamadas polacas, Esther Regina Largman tem o cuidado de apresentar, dentro do contexto ficcional, retratos históricos da imigração e dos desafios nomeadamente “o antissemitismo brasileiro” na era Vargas e os “assassinatos dessas mulheres pelos seus ‘*Caftens*’”. Destarte, possibilitando nos textos literários contemporâneos o recontar e o reconstruir sob uma perspectiva de gênero e classes, as histórias das imigrações das mulheres judias.

Ao definir o que é migração, Sayad (1998) concebe o termo como “um deslocamento no espaço, e antes de mais nada em um espaço físico” (SAYAD, 1998, p. 15). Desse modo, o movimento de migração pode estar ligado ao deslocamento de uma ou de várias pessoas, famílias ou grupos. Ou seja, povos que se deslocam para os mais diversos lugares em busca de emprego e melhores condições de vida e de sobrevivência. Percebe-se, assim, que as protagonistas Esther e Hana são exemplos dessa emigração solitária, justificada por desejam encontrar melhores condições de vida na América e não se sentiam mais realizadas nos locais em que viviam.

2. Hana e Esther: corpos que migram

No que se refere as emigrações das personagens Hana e Esther, estas saem de suas comunidades de origem na Polônia na condição de emigrantes, deixando para trás suas famílias, que acreditavam que as filhas tinham sido agraciadas com casamentos dentro da religião judaica e viajaram para o “novo mundo” para prosseguir suas vidas dentro da tradição familiar e religiosa. Ambas, portanto, e de acordo com a expectativa familiar, teriam a possibilidade de viver em melhores condições financeiras na fé judaica, sem as violências sofridas em suas comunidades de origem. No que concerne a questão do ato migratório, Smith Junior (2012) conceitua e problematiza:

Migrar é uma ação nascida pelas mais variadas motivações. Traz consigo sentimentos humanos, como o desejo em encontrar uma vida nova, a lancada pela esperança da vida próspera e em paz, distante principalmente de guerras

e calamidades naturais. Mas será que essas são as únicas razões para explicar esse fenômeno? (SMITH JUNIOR, 2012, p. 19).

Para Smith Junior (2012), a migração como deslocamento de lugar também está impregnada com as questões subjetivas dos indivíduos, com os “sentimentos humanos”, questionando, sob este prisma, as diversas explicações que podem ser dadas a migração. Para contribuir com essa discussão, Nascimento (2006) diz que, além de os motivos de migrar serem vários, os fatores como a pobreza, a fome, a falta de oportunidades de trabalho e o baixo padrão de qualidade de vida é que marcaram os grandes movimentos migratórios do início do século XX e, esses mesmos motivos ainda hoje continuam sendo fatores para as mobilizações humanas no mundo. Acrescenta-se ainda, em referência ao povo judeu, o fator religioso como elemento vigoroso entre estas motivações.

Smith Junior (2012) complementa que não é apenas o fator econômico que justifica a migração de emigrantes/imigrantes, mas também razões de caráter social, cultural, antropológico, científico, religioso, histórico dentre muitos outros. Estes vetores da migração possibilitam diversas interpretações interdisciplinares e sendo estas de difícil explicação.

Referindo-se aos migrantes judeus, mais especificamente aos de origem sefardita, apresentados por Benchimol-Barros (2020), o cenário europeu era marcado pela ascensão da igreja que deixava como opções “a completa obliteração de sua natureza judia; o mascaramento dessa identidade e a consequente conversão (o que fez surgir os cristãos-novos); ou a fuga para outros locais onde pudessem praticar o judaísmo com relativa liberdade” (BENCHIMOL-BARROS, 2020, p. 159). Sendo, então, a fuga, o êxodo e a migração tentativas de sobrevivência tanto da cultura e da religião judaica, quanto dos próprios indivíduos judeus.

Serruya (2010), em *Cabelos de fogo*, além de destacar as questões políticas da Polônia, descreve a realidade da vila judaica:

O resultado da onda de violência antijudaica patrocinada pelo governo foi o empobrecimento cada vez maior dos judeus. Em suas vilas reinava o caos: casas em ruínas, mato e lama, lixo acumulado, falta de conforto e de alimentos. Não havia empregos bem remunerados e as doenças disseminavam-se facilmente.

Em suas comunidades a única coisa que não diminuía era a sua fé religiosa. O amor ao Eterno e às tradições não foi afetado por nenhuma violência que sofreram.

As situações econômicas angustiantes, o temor de novos ataques e as péssimas condições sanitárias reduziam em muito as esperanças de uma vida melhor. Assim, qualquer coisa que pudesse amenizar seu sofrimento era muito bem-vinda. [...] (SERRUYA, 2010, p.25).

Esse trecho, a respeito das condições sociais presentes na comunidade de origem de Hana, reflete, por meio da ficção literária, a vivência de muitas comunidades judaicas no contexto histórico. Desse modo, pode-se enfatizar a emigração inegavelmente como uma tentativa de resistência, resiliência e sobrevivência das comunidades, dos costumes e dos próprios indivíduos.

O fato de alguns emigrantes retornarem aos seus países de origem, alimenta o sonho de uma realidade mais tranquila, seja pela questão financeira ou pela preservação da religião. Isso é constatado nas personagens Godel, jovem que retorna para a comunidade em busca de uma esposa (SERRUYA, 2010), e Mêndele, jovem aparentemente rico que também buscava o casamento (SCLIAR, 2010). Os jovens se apresentam nos romances como emigrantes que retornaram bem-sucedidos e, conseqüentemente, bons pretendentes para as jovens judias.

-Entendam: ele é um rico proprietário de fazendas na América do sul. Dono de muito gado. E quer casar com uma moça judia que concorde em ir morar com ele no novo mundo. Onde ela vai ser uma verdadeira princesa. (SERRUYA, 2010, p. 18).

[...]

Hana não esperava que o rapaz fosse mesmo tão jovem e tão bonito quanto fora apregoado. Mas ele era. Elegante, seus finos trajés e modo gentis demonstravam sua origem e educação diferenciada [...]. (SERRUYA 2010, p. 27).

É Mêndele, mesmo. É o menino que há anos foi para a América, e que nunca mais deu notícias. Agora volta homem, elegante num terno de casimira listrada. Abana-lhe de longe enquanto ela corre a seu encontro. Ele vem caminhando. Devagar. (SCLIAR, 2010, p. 11).

Em relação ao ‘retorno’ desse emigrante e dos aspectos subliminares, Salles e Araújo (1999 p. 226) dizem que “Se há trabalho e se os que voltam para a aldeia apresentam-se bem-vestidos e gastam dinheiro, isso basta para os candidatos a emigrantes sentirem-se encorajados”. Mediante o exposto, dois aspectos são salientados – a oportunidade de trabalho oferecida nos países a que se destinam a esse retorno e; a apresentação desses indivíduos que retornam.

O primeiro aspecto corrobora a importância da América do Sul e seus países em ascensão, destacando a colonização agrícola no sul do Brasil e a exploração da Borracha na região Amazônica brasileira, atraindo o interesse de emigrantes em “fazer a América”. Já o segundo aspecto recebe destaque na exuberância das personagens Godel e Mên dele, que alimentam a esperança de quem deseja mudar as condições de vida, bem como nos trechos dos romances referidos a seguir:

Passeiam pelo campo. Ele tornou-se de súbito loquaz: fala da vida na aldeia, pobre e monótona, e de sua vida na América: ganho, afirma, muito dinheiro; posso me casar contigo, posso te sustentar, posso te dá uma vida de rainha, na América. (SCLIAR, 2010, p. 14).

[...]

Aba (o seu pai) estava contente e esperançoso. Teria uma boca a menos para alimentar e ainda quem sabe, ele mesmo não passaria a receber ajuda de seu abastado genro? Por outro lado, Hana ia ser feliz. Ela não via em Swinem nenhum rapaz solteiro que a agradasse e sempre teve desejo de viajar, conhecer outros países, viver uma experiência diferente daquela vida de privações e humilhações em que estava mergulhado. O casamento com o jovem pretendente satisfaria a todas essas aspirações de uma só vez, como num passe de mágica. (SERRUYA, 2010, p. 22).

As personagens que saem de seu país de origem antes de serem imigrantes são emigrantes, o que segundo Salles e Araújo (1999) já estabelecem vínculos com a sociedade receptora ainda antes de emigrar. Outro ponto a ser destacado é o da falsa ideia que se estabelece de que o movimento migratório é provisório, algo que é visto tanto pelos próprios emigrantes/imigrantes quanto pelas duas sociedades, a de emigração e a receptora. Este fator é denominado pelos dois autores como um “desenraizamento” ligado a ilusão da provisoriedade e as subjetividades dos emigrantes/imigrantes. No que tange a aceitação desse processo, Sayad (1998) expõe:

Só se aceita imigrar e, como uma coisa leva a outra, só se aceita viver em terras estrangeiras num país estrangeiro (i. e. imigrar), como a condição de se convencer que aquilo não se passa de uma provação passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma a sua própria resolução. (SAYAD, 1998, p.55).

É no momento da aceitação/decisão do deslocamento, que inicia o processo de migração. Essa decisão de migrar ocorre de forma diferente para cada indivíduo, pois, segundo Lee (1980), uns necessitam de razões para migrar, enquanto outros precisam

apenas de uma pequena provocação ou promessa. Desse modo, a decisão de migrar não é completamente racional, pois nem todas as pessoas que migram chegam a tal decisão por definição de suas próprias consciências, mas sim pela conjunção de diversos fatores.

Logo, pode-se dizer que há diversificadas interveniências que levam a tomada de decisão de migração, e algumas são retratadas dentro das literaturas de Scliar (2010) e Serruya (2010), contribuindo para que as personagens Esther e Hana deixem suas comunidades natais para tentar a vida, até então sonhada, na América do Sul resultando, nestes casos, no seu condicionamento à situações opressivas e degradantes na condição de emigrantes/imigrantes. Isto posto, podemos situar o fenômeno migratório como evento histórico, humano e social de deslocamento físico e subjetivo de indivíduos. Esses aspectos também estão presentes nas literaturas que abordam por meio da ficção, uma retomada histórica de mulheres imigrantes judias nas sociedades para desenvolver as mais variadas atividades.

No caso da Amazônia, sabe-se que metrópoles como Belém e Manaus já conviviam com os problemas causados pela existência da prostituição ilegal de mulheres de vários lugares do mundo - um tipo de comércio que se tornou comum no século XX após a chegada de tantos estrangeiros atraídos pela riqueza da *Belle Époque* amazônica. Isso demonstra a factualidade de um problema que ultrapassava os limites da existência do imigrante *per se*, pois configurava também uma situação de escravização de pessoas.

Mesmo que os espanhóis estabelecessem laços de solidariedade e a afirmação de suas identidades por meio de expressões culturais, a relação conflituosa no espaço público era latente, conforme registrou uma denúncia publicada no jornal *A República* (1896) contra o *Restaurante Espanhol*, situado no largo de Sant'Anna, que hospedava as *horizontais*, mulheres que ofendiam a moral pública com seu comportamento desregrado. Para a Amazônia ou outro local do país, a prostituição era uma das consequências da chegada de imigrantes estrangeiros (SARGES, 2010c,p. 63).

A escravização de mulheres para servirem ao comércio sexual é um problema que pode ser observado nos dois romances. Além de impor a condição de imigrantes para as personagens, é no espaço da narrativa que percebemos a construção de fronteiras onde acontecem as reviravoltas nas trajetórias de Esther e Hana, como vítimas do tráfico de mulheres e por ocasião do início das violências.

Said (2003), em *Reflexões sobre o exílio*, diz que é adiante da fronteira entre o “nós” e os “outros” que se encontram os perigos de não-pertencer, e que imensos agregados da humanidade permanecem como pessoas refugiadas e deslocadas. É fato que essa fronteira à qual se refere Said (2003) vai além do limite geográfico e passa a compreender o sentido do ‘não pertencer’ ao lugar, à comunidade, à cultura e à condição imposta à identidade do imigrante que se reconstrói a partir dessa linha estabelecida.

Nascimento (2006) ao escrever sobre a condição em que se encontra um imigrante, o apresenta como alguém “desterritorializado”, que se percebe como sujeito deslocado de seu lugar familiar, permanecendo em trânsito entre duas culturas distintas, o que o torna detentor de subjetividade sem repouso e híbrido. Além disso, a autora também reflete sobre o conceito de nação e nacionalidade, que se tornam estranhos tanto para o imigrante quanto para a sociedade que o recebe, algo que pode ser constatado nas diversas leis antimigratórias e na xenofobia presente ainda na atualidade.

As situações fronteiriças aparecem nos romances de Scliar (2010) e Serruya (2010) nas referências aos percursos migratórios realizados pelas personagens Hana e Esther. A protagonista Hana (SERRUYA, 2010), após casar-se com Godel, viaja para a Rússia e de lá, embarca para Buenos Aires com mulheres que haviam sido enganadas como ela, e outras que tinham decidido por novas vidas na América. Como elemento que surge para amenizar sua situação e trajetória, Hana encontra Julia que a protegia do aliciador o qual forçava Hana à condição de prostituta.

Julia é a personagem que ensina um pouco de espanhol e francês para a comunicação da protagonista. Ao chegarem em Buenos Aires, dezenove mulheres, entre elas Hana e Júlia, são destinadas ao Brasil, em 1907, pois, o embaixador da Polônia havia apresentado uma queixa formal para que fosse proibida a entrada de “polacas” na Argentina (SERRUYA, 2010, p. 67).

Dessa forma, só as mulheres com melhor aparência ficariam na Argentina, sede da organização criminosa do tráfico e a mais promissora de lucros. Ao chegarem no Rio de Janeiro, no mesmo ano, o narrador enfatiza que as autoridades brasileiras não causaram nenhuma dificuldade de desembarque das jovens estrangeiras, mesmo com a promulgação de uma lei que impunha a deportação de todos os “proxenetas e cafetinas estrangeiras” (SERRUYA, 2010, p. 70). Durante a chegada em solo brasileiro, Júlia foi

separada de Hana. A primeira ficou no Rio de Janeiro e Hana foi destinada ao Amapá, cidades que estavam vivendo o período da *Belle Époque*, onde Hana foi comercializada como uma francesa.

Semelhantemente, Scliar aborda o percurso vivido pela personagem Esther em *Ciclo das Águas*, ao sair da sua comunidade na Polônia com o recém marido Mên dele, destinando-se à França, primeiramente, pois é na França onde a personagem vivencia seu primeiro confronto em relação ao tráfico. Destaca-se que, de forma diferente de Hanna em *Cabelos de Fogo*, Esther sente prazer em ser desejada. É também na cidade da luz que a personagem conhece um pouco da língua do país antes de ser enviada para Buenos Aires, conforme expresso no excerto: “queria saber como era a América, como era Buenos Aires, se os argentinos eram índios e que língua falavam” (SCLIAR, 2010, p.27).

Além disso, a personagem, ao manter contato com outras polacas, descobriu que Buenos Aires era o lugar onde estas ganhavam mais dinheiro. Porém, os planos foram mudados, a organização do tráfico de mulheres havia sido denunciada e Esther seguiu para Porto Alegre, no Brasil de 1929, vinte e dois anos após a chegada de Hana, em terras brasileiras para trabalharem como prostitutas.

Ainda sobre como é percebido o imigrante, referimos Sayad (1998, p. 54) que o define como, essencialmente, uma força de trabalho e, mais especificamente, de trabalho provisório, temporário e em trânsito. Argumenta o autor, que o imigrante mesmo dedicando toda sua vida ao trabalho no país que o recebe, ainda permanece com o estigma de uma força de trabalho provisória. Nos romances, as personagens sofrem o processo de escravidão também para servirem como força de trabalho com seus corpos e atender uma possível necessidade de branqueamento da cultura brasileira, que não combatia de forma efetiva a criminalidade também por beneficiar-se dela em nome de um progresso.

Conclusão

Estas reflexões oriundas da observação das obras em questão, sob as lentes da literatura comparada e na tessitura de diálogos interdisciplinares, permitem a compreensão do fenômeno migratório e seus desdobramentos de forma mais global e aprofundada. As ciências que se encontram e se interpenetram tendo como fundo o texto

literário nos fornecem os elementos necessários para os processos de análise criando complexas redes sistêmicas que se complementam.

O corpus deste estudo evidencia a condição de força de trabalho provisória apresentada por Sayad (1998), mostrando que esta também se aplica à situação de exploração de mulheres, principalmente as vítimas do tráfico, a qual se define pela exploração do próprio corpo, e sendo o corpo o objeto do trabalho. Essas realidades são retratadas nas obras selecionadas como uma possível justificativa da exploração, que condiciona a mulher imigrante e explorada sexualmente.

Desse modo, as famílias imigrantes semitas de diferentes culturas e lugares, que corroboraram a construção e o fortalecimento de uma economia a partir da força de trabalho, influenciaram e foram influenciadas nos e pelos costumes locais das comunidades onde passaram a viver estes forasteiros. Os fatos apreciados neste estudo possuem características e consequências que se replicam em outras histórias de imigração que não são tão frequentemente contadas e que, possivelmente, não estão nos números e registros de imigrantes, como no caso das vítimas do tráfico de mulheres brancas. As personagens Hana e Esther, vítimas do tráfico e em condição de mulheres imigrantes, encontraram, como única e possível maneira de sobrevivência, o trabalho em bordéis, servindo como instrumentos para a economia e o desenvolvimento.

No tangente a essa temática, e para uma análise dialética, que levanta o contraditório com objetivo de melhor compreensão, retomamos o que afirma Smith Junior (2012,) ao enfatizar que o imigrante “passa a participar da vida social do lugar que o recebe e constrói laços de afinidade com esse espaço”. Nesse caso, e diferente do que diz Sayad (1998), o trabalho não é mais a principal razão que justifica o movimento do imigrante, pois para o pesquisador o sujeito tem uma oportunidade que o permite construir uma nova vida na sociedade que o recebe. Para Smith Junior, esses fatores são justificativas para além do fator econômico, levando em consideração a participação social, coletiva –ou individual de suas vivências e acrescentando ainda as subjetividades apresentadas pelos imigrantes.

Diante o exposto, enfatizamos que a Literatura Comparada constitui frutífero recurso analítico e interdisciplinar. Refletir sobre emigrante/imigrante, considerando as perspectivas históricas, geográficas e sociais, entre outras, possibilita um olhar

diferenciado e prenuncia outros caminhos de pesquisa. Nascimento (2006) vê nas abordagens da literatura ficcional que retrata as imigrações, uma possibilidade de reconstruir ou mesmo recriar a história da imigração de uma crítica. Segundo a autora, muitas vezes há o distanciamento dessa trajetória em relação ao desenraizamento, a fragmentação e negociação da identidade do imigrante.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL-BARROS, S. H. Tradução cultural, religião e costumes judaicos na Amazônia Brasileira: essencialismo e hibridismo sefarditas. In: BARROS, S. H. B.; SILVA, A. F. C. (Orgs.). *Ecos Sefarditas Judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020, v. 1, p. 157-169.

CANDIDO, E. K. *Quatro poemas judaicos*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 190–195, 2020. DOI: 10.35699/1982-3053.2020.25247. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/25247>. Acesso em: 24 nov. 2021.

CARNEIRO, M. L. T. *Cidadão do Mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo – 1933-1948*. 2011.

FALBEL, N. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo. Humanitas: USP, 2008.

_____. *Literatura ídiche no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2009.

IGEL, R. Escritores Judeus Brasileiros: Um percurso em andamento. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXVI, Núm. 191, abr./jun., 2000, p. 325-338.

LARGMAN, E. *Jovens Polacas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

LEE, E. S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (Coord.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, 1980, p. 89-114.

NASCIMENTO, L. S. Imigrantes: identidades em trânsito. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 10, p. 110-114, dez., 2006.

SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: _____ *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

SARGES, M.N. "Tauromachia", Tauromania: migrantes galegos e práticas culturais em Belém na virada do século XIX para o XX. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael (Org.). *Migrações na Amazônia*. Belém: Açáí, 2010. v. 2, p. 55-66.

SAYAD, A. *A imigração ou o Paradoxo da Alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: USP, 1998.

SALLES, M. R. R.; ARAUJO, J. R. C. Abdelmalek Sayad, um “escrivão público”. *Revista USP*, São Paulo, n.41, p. 224-230, mar./mai., 1999.

SCLIAR, M. *O Ciclo das águas*. Porto alegre: LPM POCKET, 2004.

SERRUYA, Marcos. *Cabelos de fogo*. Belém: Edição do autor, 2010.

SMITH-JÚNIOR, F. P. *Imigração espanhola na Amazônia: as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico do nordeste paraense (1890-1920)*. 2012. 212 f. Tese – Núcleo do Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.